

24-11-2020

“FIQUE EM CASA!”: NECESSÁRIO, MAS SOCIALMENTE INJUSTO!

René Mendes

[Médico e Professor. Presidente da ABRASTT (Associação Brasileira de Saúde do Trabalhador e da Trabalhadora). Pesquisador Colaborador do Instituto de Estudos Avançados da USP]

Não é por acaso que o Brasil ocupa o 2º lugar no mundo, em número de mortes atribuídas à doença causada pelo ‘novo coronavírus’ - a COVID-19. Menos, por ser um país populoso; mais, por ser um país socialmente injusto e abissalmente desigual, governado por um presidente desqualificado, ignorante e desrespeitoso com vivos e mortos..

Com efeito, para enfrentar uma pandemia tão grave e letal, as escassas medidas preventivas disponíveis até o momento – distanciamento e isolamento social, e proteção individual – foram, de um lado, atacadas e demonizadas; por outro, algumas delas mostraram-se claramente elitistas, perversas e inviáveis, na medida em que a principal delas – o confinamento no interior das moradias – é uma medida sanitária universal individualista, cheia de pressupostos, e não aplicável a grandes segmentos populacionais em países desiguais e socialmente injustos, como é o caso do Brasil. Aliás, foi nestes segmentos onde a pandemia mais grassou, fazendo vítimas.

Esta breve reflexão visa questionar a repetição acrítica deste novo mandamento: “fique em casa!”.

Pois bem: a primeira reflexão dolorosa e óbvia é que somente podem ‘ficar em casa’ pessoas que têm casa para ficar, ou moradia onde possam permanecer confinadas.

Assim, num país socialmente injusto, um aparente dever e obrigação sanitária (ou até direito) tornou-se um melancólico e constrangedor privilégio. Prisão domiciliar não é para qualquer um, pois exige que haja um domicílio para o seu cumprimento, assim como tornozeleira eletrônica exige que a pessoa tenha tornozelos... Com efeito, deste primeiro grupo dos “sem-teto” e dos “sem-chão”, pouco se sabe, até porque mantê-los socialmente “invisíveis” é uma estratégia de reprodução das sociedades desiguais e injustas.

Quantos são, quem são? Só Deus sabe... Aqui de onde escrevo – cidade de São Paulo – estima-se que pelo menos 25 mil pessoas não têm moradia nenhuma e vivem nas ruas.

A segunda reflexão crítica, a partir do mandamento “fique em casa”, aponta para a precária condição das moradias das classes sociais mais empobrecidas pelo sistema perverso que rege esta República, desde o tempo em que era Colônia!

Conforme dados do IBGE, o Brasil tinha (antes da pandemia) mais de cinco milhões de domicílios em favelas, espalhados em 734 municípios brasileiros, onde residiam cerca de 14 milhões de pessoas. O IBGE utiliza o eufemismo “aglomerados urbanísticos subnormais” para englobar favelas, palafitas, invasões, grotas, baixadas, comunidades, mocambos, loteamentos, ressacas e vilas, entre outros nomes.

A cidade de São Paulo teria cerca de 530 mil domicílios assim classificados, e a cidade do Rio de Janeiro, cerca de 454 mil. No Amazonas, 34,6% dos domicílios são favelas (e suas variações terminológicas), e em Manaus, 54%.

Não é preciso dizer (ou, talvez, seja preciso dizer) que as populações dessas comunidades vivem sob precárias condições socioeconômicas, de saneamento e de moradia.

Pergunto: as medidas sanitárias “higiênicas” não seriam, antes, também medidas “eugênicas”, já que inaplicáveis, justamente, para os “indesejáveis”, como pensa Paulo Guedes e denuncia Rubens Casara, entre outros?

A terceira reflexão está associada ao neologismo oportunístico de descobrir que muitas categorias de trabalhadores e trabalhadoras passaram a ser “essenciais” e, portanto, não podem parar de trabalhar, sendo obrigados e obrigadas a quebrar a ordem do confinamento e isolamento social.

Sem eles e elas, nós não poderíamos usufruir o privilégio de nos homizarmos em nossas casas.

Sem eles e elas, nós não teríamos onde receber atenção de saúde, quando adoecermos, ou atenção funerária, quando morrermos. E muitas são as categorias - de fato - que foram obrigadas a trabalhar. Trabalhar por nós. *Trabalho vicário*, que acabo de assim denominar. Porém, muito se abusou sob um conceito flexível e *sem vergonha*, por exemplo, em relação às trabalhadoras domésticas, e os trabalhadores em frigoríficos (voltados à exportação), entre outras categorias que foram abusadas.

Sim, em quarto lugar, os milhões de trabalhadores e trabalhadoras que não podem realizar trabalho remoto ou teletrabalho de suas casas (quando as têm), como são os informais, os trabalhadores e trabalhadoras por conta própria (mais de 24 milhões), os desempregados e muitos outros, piorados pela insuficiência ou inadequação do “auxílio emergencial”, regido pela lógica do “estado mínimo”.

Com efeito, a PNAD-COVID vem mostrando que dos cerca de oito milhões de trabalhadores e trabalhadoras que aderiram ao “trabalho remoto”, 30% têm curso superior e até pós-graduação; no outro extremo da escala, apenas 0,3% dos que aderiram ou puderam “trabalhar a distância” (de casa), não têm instrução ou têm o primário incompleto.

Portanto, “trabalho remoto”, apesar de desagradável e patogênico, não deixa de ser uma alternativa elitista.

É preciso ter casa para ‘ficar’; espaço e local para isolamento, espaço e instalações para poder trabalhar, e trabalho compatível com esta modalidade, que, segundo as más línguas, “veio para ficar”. Assim, num país abissalmente desigual e socialmente injusto, obrigar a “ficar em casa” pode ser uma provocação, uma ironia; ou talvez, uma afronta!

Penso que deveríamos, mesmo, é sair de nossas casas para a luta, pois depois da COVID-19, virá a 20, a 21, e virão outras pragas por estas plagas... Sobretudo se ficarmos socialmente distantes, no sentido físico e no sentido afetivo e solidário!

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.